

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE COTACUES



Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRETOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

SAPEC OS MELHORES
ADUBOS
PARA
**TRIGOS, MILHOS,
BATATAS e VINHAS**

A **SAPEC** vende os melhores adubos sempre aos melhores preços do mercado

ADUBOS para todas as culturas

SAPEC Rua dos Fanqueiros, 121. 1.º
LISBOA

**João Manuel Palma
SERPA**

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Francisco Romão Tenório
Herdade da Figueira de Cima

Creador de mueres de raça seleccionada, e de gado cavalar, bovino, suino, lanigero e caprino. Produtor de toda a qualidade de cereais

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos
ARRONCHES

HERDADE DA GRAMICHA
DE
Francisco Adelino Gonçalves

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino
Produtor de cereais, lãs, azeites e queijos

ELVAS

PATRICIOS
Inscrevei-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»
(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsídios de 5, 10, 15 e vinte mil escudos

A mais solida garantia de sobrevivência
Peça hoje a sua inscrição
Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º
LISBOA

Ramiro & Irmão, L. da

Moagem de Cereais e Debulhas à Máquina
Aldeia dos Fernandes CASTRO VERDE

Joaquim Patricio da Cruz

Produtor de cereais
Fábrica de farinha em rama
S. Luiz ODEMIRA

BREVEMENTE

«Jornal do meio dia»

EDIÇÃO DIÁRIA (da «Alentejana Editora» em organização)

DIRECTOR: PEDRO MURALHA

Colaborado por profissionais da imprensa
e com um serviço telegrafico e telefónico
desenvolvido

Novo aspecto gráfico e literário

“JORNAL DO MEIO-DIA”

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,
Charadistica, Abertura de Cambios, etc.*

A começar no 1.º numero:

Ártigas: Trabalho inedito de Pedro Muralha. É a historia da colonisação portuguesa no Urugual, e a descrição da independencia das nacionalidades americanas

Assine já o **“Jornal do meio-dia”**

cujo preço é de **6\$00 Esc. mensais** Numero avulso **\$30**

Aceitam-se agentes e correspondentes
em todo o Pais

REDACÇÃO PROVISORIA:
Rua da Rosa, 105, 1.º — Lisboa

Vida Alentejana

SEMANÁRIO AGRÍCOLA // PECUÁRIO // TURÍSTICO // DE COZINHAS

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA - EDITORA

DIRECTOR

PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:

R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

A organização da Lavoura

A *Liga Agrária do Norte*, acaba de entregar ao sr. dr. Oliveira Salazar um importante documento por onde se avalia a bela organização agrária que ali existe.

Os agrários do Sul estão porém, desorganizados. Cada um trata de si, e isso muito prejudica essa classe que deveria ser hoje a mais respeitada, mas que é a mais esquecida, mercê da sua desorganização.

No 2.º número da *Vida Alentejana*, defendemos a iniciativa da criação da *Sociedade Rural Alentejana*, ou coisa semelhante.

Na reunião efectuada no passado dia 11 de Janeiro, no Grémio Alentejano, onde foram lançadas as bases da *Alentejana Editora*, por alvitre do sr. Conde da Esperança ficou assente em princípio a organização da *Comissão de Defeza Agrária*.

Essa iniciativa será defendida pelo *Jornal do Meio dia*, visto essa comissão poder, no futuro prestar á Lavoura do Sul grandes serviços.

Da representação que a *Liga Agrária do Norte* entregou ao sr. Presidente do Ministério, recortamos os seguintes períodos:

«Sr. Presidente do Ministério, Doutor António de Oliveira Salazar—Excelência: A lavoura portuguesa sofre hoje, como ontem, do mesmo mal: falta de orientação, falta de continuidade, irregularidade de preços e irregular e deficiente assistência técnica.

A solução dos problemas não é prevista a distancia; quando os pro-

blemas se agravam e atingem acuidade, chegam á *crise*, busca-se para eles uma solução de momento. Antes não se faz nada para evitar o mal; depois faz-se o que é possível para a atenuar.

As soluções de momento, precipitadas e forçadas pelas circunstancias, atenuando um mal, geralmente agravam outros. E esses outros agravados, motivam novas crises, criando assim um mal estar endémico.

Não há, nunca houve, uma *política agrícola*. Há critérios individuais apenas; ideias parcelares, fragmentárias, boas umas, más outras, algumas excelentes, mas sempre sem finalidade colectiva, por fragmentárias, pessoais.

Exemplos: discute-se o problema cerealífero, intimamente ligado á pecuária e ao regime dos pastos, ás possibilidades coloniais; defendem-se, demarcam-se regiões vinícolas, mas nunca se estudou e definiu em conjunto o problema viti-vinícola, desde a selecção das castas ao fabrico de vinhos, ao seu comércio interno e externo, exigências e condições de mercados. Legisla-se de norte a sul empiricamente e applica-se a lei do Minho ao Algarve, sem ter em linha de conta o regime de propriedade, a variedade de culturas, os usos e costumes locais.

A Lavoura e os serviços officiais vivem em mundos diferentes. Quando caminham a par, seguem linhas paralelas e nunca se encontram. A boa vontade de uns e o estudo e conhecimento doutros perdem-se assim, ficando fora do campo prático

das realizações. Quando muito limitam-se ao campo experimental, sem prévia finalidade definida. O caso da Campanha do Trigo é uma excepção; mas aí mesmo o problema foi pôsto por forma unilateral. Assim, o desequilíbrio manteve-se, mudando apenas de prato e balança. O que até então era *deficiência* passou a ser *super-abundancia*. O mal não desapareceu; mudou de aspecto, agravado talvez. No Alentejo desequilibraram-se as «fôlhas»; no Norte restringiram-se os prados; o pão regional cedeu seu lugar ao pão de trigo, e este, desequilibrando as culturas, criou uma série de problemas graves de difficil solução, que, por inesperados, não foram previstos.

Teima-se nas soluções parciais. Mas pode haver na Lavoura, na Agricultura, soluções parciais? Não constituirá a Lavoura portuguesa um todo uno, com modalidades diferentes, que precisam ser estudadas, mas integradas. Que precisam ser definidas, mas enquadradas? Que precisam ser delimitadas, mas vistas em conjunto, valores diferentes de um só valor, partes dispersas duma só peça?»

Uma gralha muito importante

No artigo do nosso presado colaborador dr. Mira Galvão, onde se lê, no 2.º parágrafo 30 por cento deve ler-se 80 por cento.

Que nos perdoe o nosso amigo, assim como os nossos leitores, tão grande engano.

«JORNAL DO MEIO DIA»

Um importante alvitre do sr. Conde da Esperança Já temos séde própria

Está na ordem do dia na numerosa classe agrícola o aparecimento para muito breve do órgão defensor da classe agrícola de Portugal.

Gente das Beiras e até do Minho pergunta se poderão fazer parte da empreza proprietária do *Jornal do Meio dia*, ou se ela será exclusivamente alentejana.

Desejariamos que todas as acções ficassem em poder dos alentejanos. Por isso lhe pusemos *Alentejana Editora*. Mas se o Alentejo devido ao feitiço dos seus nactivos, não corresponderem em absoluto que remédio serão constituir uma empreza com capitais de todo o país.

Porque é preciso esclarecer. Um jornal diário traz a principio grandes encargos, e é necessário estarmos preparados para satisfazermos êsses encargos.

De todos os alvitres que nos teem dirigido um se nos depara digno de ler-se: Já pela sua doutrina, e já pela forma prática preconizada.

E' êsse alvitre do sr. Conde da Esperança; êle traduz bem claramente a necessidade da Lavoura em possuir um jornal diário, que será o seu porta-voz, e que será também um elemento precioso para os próprios governos, que muitas vezes legislam na melhor intenção sem conhecerem as razões dos interessados, prejudicando-os muitas vezes por êsse facto.

O sr. Ministro da Agricultura é, estamos convencidos disso, um lavrador dos melhor intencionados, desejando prestar um serviço ao seu e nosso paiz, defendendo a agricultura adentro do que fôr razoável.

Fala-se já num urgente decreto em que garante, aos trigos que forem excedentes ao consumo, referentes á colheita de 1934, o seu máximo valor segundo a tabela decretada, mas com a redução de 4 por cento para despesas de armazenagem.

Ora a lavoura não tem culpa que os seus trigos ainda não fôsem distribuidos.

Mas deixemos que o referido decreto seja apresentado ao Parlamento e vamos ao importante alvitre do sr. José Baraona (Conde da Esperança):

Meu caro Pedro Muralha — A necessidade absoluta, que momento

a momento, se manifesta crescente, de que á lavoura urge manter na imprensa diária um representante que defenda condignamente os seus interesses, impõe a todos aqueles que da terra vivem, ou a ela prestam o seu esforço, a obrigação de acolherem com entusiasmo a sua bella iniciativa, prestando-lhe o auxilio moral e material, de que ela é merecedora.

Essa esplendida carta do Sindicato de Serpa, revela a preclara intelligência de quem o dirige, o sr. António Jacinto Lança: ver, é fácil, prever é que se torna difficil, e não acessível a todos os cérebros.

O jornal que defender os interesses da Lavoura defende, no máximo conjunto, os interesses de Portugal: Portugal é a Lavoura, a Lavoura é a Colectividade portuguesa.

O produtor e o consumidor, as únicas entidades a que tudo teem direito, os primeiros pelo risco em que permanentemente se encontra a finalidade dos seus esforços, e, os segundos, pelos enormes sacrificios que a vida lhes impõe, são precisamente aqueles a quem, de sempre, menos direitos lhes teem sido reconhecidos.

E' preciso clamar bem alto, a vontade de quem produz e de quem consome.

A' Terra incumbe o dever, a obrigação, de indicar o remédio para os erros praticados e o caminho a seguir para outros erros evitar.

E' precisamente essa dever essa obrigação imperiosa que lhe dá direitos indiscutíveis.

Quem afirmar: defenda-se o interesse da Terra, está na única sã doutrina, porque, equivale a proclamar a defesa da comunidade, do interesse de todos e de cada um.

E a comunidade, o bem geral, encontra-se acima de nós próprios. Sem o bem-estar colectivo não há prosperidade possível.

O Jornal da Lavoura não pode nem deve ter política. Não serve partidos nem agrupamentos políticos.

Tem apenas, e já é muitíssimo, uma alta missão a cumprir: defender dos parasitas o brio Nacional, dos sugadores as colectividades produtoras e consumidoras.

O Estado somos todos nós; e, a prosperidade da Nação, está na riqueza de nós todos.

E' necessário enriquecer a Terra, dar bem-estar ao consumidor, dando-lhe o poder de aquisição preciso, porque, só desta forma um Estado pode considerar-se rico: abundancia no contribuinte, bem-estar na colectividade!

O jornal, com esta orientação, contará com a pena brilhante de muitos técnicos economistas, que, para o bem de todos, estão dispostos a dar o melhor do seu esforço.

Não será muito, pois, que os bons portugueses que merecem esta bella nacionalidade, que forem desassombradamente independentes e desinteressados, se responsabilisem por ro assinaturas, as quais irão passando sucessivamente áqueles que também quizerem contribuir para o bem de todos.

Enriquecer a Nação para que o Estado seja preduramente rico e próspero.

O que diz a imprensa

O nosso presado colega *Noticias de Evora*, velho e honrado diário alentejano, refere-se ao aparecimento do *Jornal do Meio dia* da forma seguinte:

«Sob a direcção do nosso amigo Pedro Muralha, deve iniciar a sua publicação no próximo dia 15 do corrente o «Jornal do Meio-dia», novo diário lisboeta que se propõe defender os interesses da lavoura.

Como o seu nome indica, o novo jornal é posto á venda ao meio-dia.

E' propriedade de muitos lavradores e Sindicatos Agrícolas do Alentejo».

Ao nosos velho amigo Carlos Pedrosa, director do *Noticias de Evora*, agradecemos mui reconhecidamente as suas palavras amigas.

Já temos séde própria

Já podemos dar aos leitores da *Vida Alentejana* uma agradável noticia. Acabamos de alugar um modesto mas confortável 2.º andar, na Calçada da Glória n.º 25. São casas cheias de ar e de luz. Aparência modesta, é certo, mas o suficiente para recebermos condignamente não só os futuros proprietários do *Jornal do Meio dia* mas todos os nosos amigos.

O *Jornal do Meio dia* sairá no próximo dia 9 de Abril.

Uma medida da Câmara Municipal de Lisboa

que é anti-económica, ilegal, injustificada e anti-nacional — segundo nos afirmou o deputado elvense dr. Garcia Pereira

O sr. dr. Garcia Pereira é um dos mais dedicados alentejanos que conhecemos.

Nascido em Campo Maior, é presentemente director da Pecuária, em Elvas, onde em cada habitante conta um bom amigo.

É o sr. dr. Garcia Pereira deputado à Assembleia Nacional, e um dos que nessa Assembleia têm sabido honrar o cargo para que foi eleito, demonstrando raras qualidades parlamentares.

Um dos assuntos que este nosso prezado assinante focou, foi sobre o facto da Camara Municipal de Lisboa desde Novembro último se



Dr. Garcia Pereira

recusar a passar licenças para veículos de carga hipomóveis.

Como o assunto é duma alta importância para a Lavoura, procurámos este nosso querido amigo, que se pôs logo à nossa disposição para o assunto em questão:

— Meu querido amigo, dissemos, como considera V. Ex.^a a resolução da Camara Municipal de Lisboa, sobre o assunto que V. Ex.^a já tão proficientemente tratou na Assembleia Nacional?

— Considero tal resolução anti-económica, ilegal, injustificada e anti-nacional.

— Porque razões?

— É anti-económica porque o custo dos transportes dentro de certos limites em relação às distancias a percorrer, são maiores quan-

do feitas pelos transportes hipomóveis do que com a tracção mecânica (camions e camionetes), e ainda porque calculando o número de solípedes em 5.000, os que são empregados neste género de transportes, compreende-se bem o prejuízo que sofrerá a economia nacional quando desaparecerem por completo os referidos solípedes. São 5 mil a menos a manter a criação de gado dessa espécie e são as respectivas ferragens (arrieiros, cevada, fava e palha) que deixam de ser consumidas na quantidade que esse gado necessita para a sua alimentação; e ainda: a mão de obra e as matérias primas, exclusivamente nacionais — excepto o ferro — e uma indústria bastante grande que se emprega na construção de veículos desta espécie e que directamente vai ser atingida pela resolução camarária.

— De forma que é ilegal e injustificada, por...

— Porque constituindo no fim de alguns anos um autentico monopólio a favor da tracção mecânica, isso não é permitido pelo Estatuto Nacional do Trabalho, pois que elle só admite e consente monopólios exercidos pelo Estado ou pelas autocracias locais, em circumstancias de grandes vantagens nacionais, no estabelecimento de qualquer monopólio.

— Finalmente, é anti-nacional porque?

— Porque em circumstancias de mobilização de tropas para efeitos de defesa nacional, virá o Estado a encontrar-se com menos 5 mil solípedes e dos melhores que tinha à sua disposição, sem nada concorrer até aí para as conservar e manter. Segundo noticias vindas a público já nos foi muito difficil manter o nosso contingente com solípedes, na última guerra, em que apenas mobilizámos cerca de 70 mil homens. Pergunta-se: Como se comportaria a Nação neste caso se fôsse necessário mobilizar os solípedes necessários para um exercito de 400 ou 500 mil homens, que tanto seria o máximo que poderíamos conseguir em circumstancias de apertada defesa territorial?...

E um apêrto de mão foi o ponto final da entrevista que quizemos

O Mel

Sua applicação na doçaria caseira

(Do Post. Cental de Fomento Agricola)

Biscoitos de frade

Amendoas raladas, 600 grs.; farinha de trigo, 500 grs.; assucar, 800 grs.; noz moscada, uma colher das de chá; canela em pó, uma colher das de sopa; limão (raspa), dois; aguardente, uma chavena das de café.

Bate-se tudo e leva-se ao lume até levantar fervura. Em fervendo tira-se do fogo e adiciona-se mexendo bem:

Mel 500 gramas.

Se a massa ficar grossa, deita-se mais um pouco de mel, se ficar mole um pouco de farinha de trigo. Vaza-se esta massa em tableiros untados de manteiga e leva-se ao forno de fogo vivo, a cozer. Em estando cosida, tira-se, deixa-se arrefecer, corta-se ás tiras ou do feitio que se desejar, passam-se os biscoitos por calda de assucar e dispõem-se em tableiros de lata onde voltam ao forno a secar.

Biscoitos de mel

Mel, uma chavena; nata quente, meia chavena; ovos, dois; manteiga, meia chavena; farinha de trigo, duas chavenas; bicarbonato de soda, meia colher das de chá; cremor de tártaro, uma colher das de chá.

forno com fogo moderado ou cozer em Amassar, cortar em fatias e cozer num manteiga.

Biscoitos de mel

Assucar, 125 gramas; ovos, dois; mel, 65 gramas; farinha, 150 gramas.

Bater energeticamente em um alguidar, o assucar e os ovos. Juntar pouco a pouco o mel, depois a farinha, batendo sempre. Deixar repousar a pasta meia hora. Dispor com um colher, pequenos montinhos sobre uma lata untada de manteiga (deixar entre cada monte bastante espaço, porque os biscoitos alargam). Ao fim de 5 minutos de cosimento, e quando estão dourados, colocar sobre um prato. Se se desejar biscoitos menos secos, juntar um pouco de manteiga. Estes biscoitos são de longa conservação.

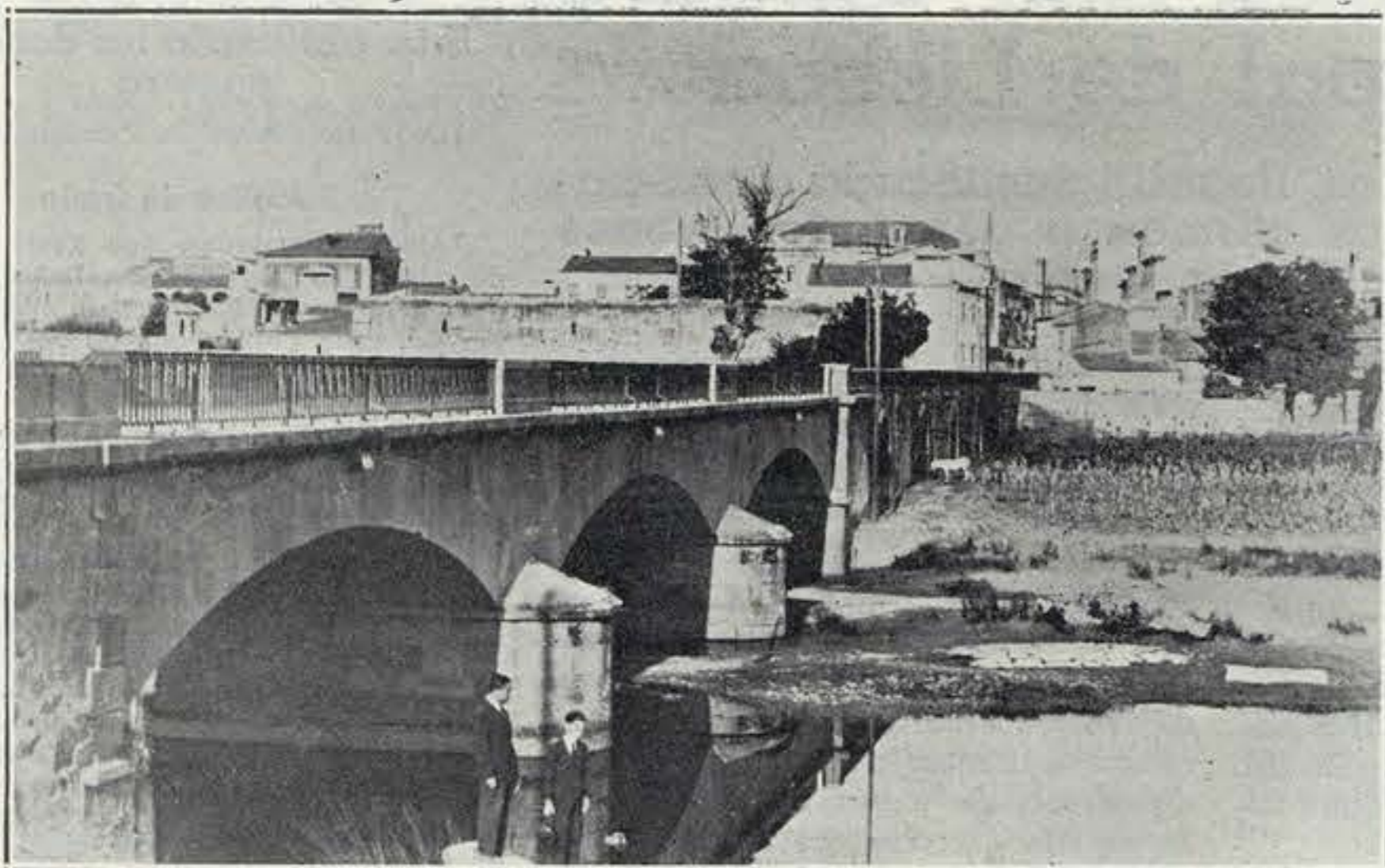
Bolinhos de mel

Mel, 60 gramas; manteiga, 240 gramas; assucar amarelo, 240 gramas; ovos, dois; leite, duas colheres das de chá; passas de uva, 200 gramas; fermento inglês, duas colheres das de chá; farinha 500 gramas; gengibre, uma colher das de chá.

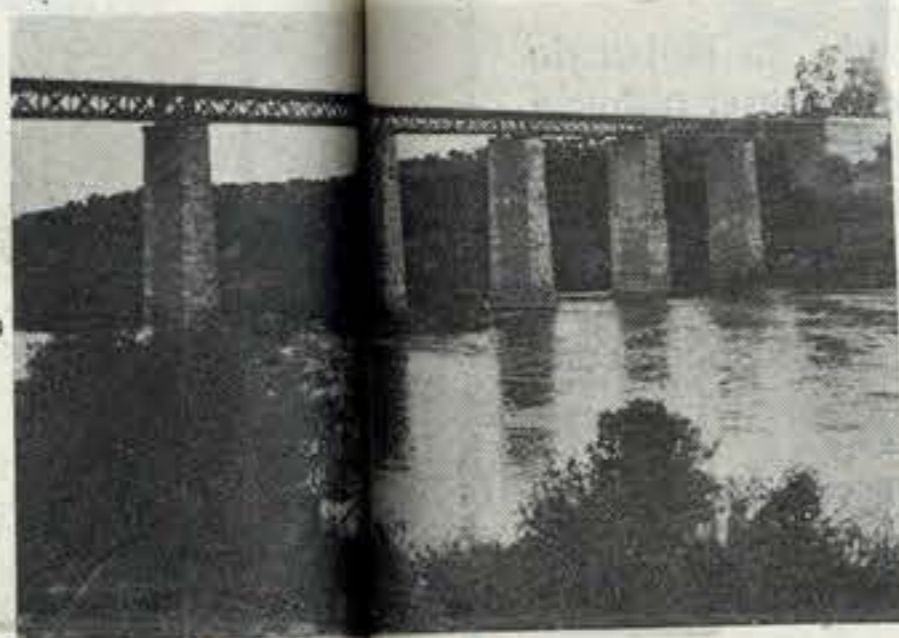
Põe-se num tacho ao lume, a manteiga, o assucar e o mel; depois de bem batido e misturado, tira-se para fora do lume, e juntam-se os ovos bem batidos e o leite. Deita-se isto sobre a farinha que deve estar em um alguidar com a gengibre e o fermento, e depois de tudo bem amassado, fazem-se pequenos bolos que vão a coser ao forno forte. A sair do forno, passam-se por assucar pilé.

Errata: No n.º 25 da Vida Alentejana, na receita Alcançoras onde se lê azete 25 decilitros, deve ler-se 212 decilitros.

ter com este nosso querido amigo, autentico defensor da Lavoura Nacional, no que parece encontrarse na Assembleia Nacional quasi isolado.



Ponte sobre o rio Sôr



Ponte sobre o Guadiana de Monsaraz e Mourão



Ponte romana sobre o rio Seda (Alter do Chão)

PONTES



Ponte sobre o Caia (Arronches)



Ponte sobre a Ribeira Louira (Veiros)



Ponte sobre o rio Mira (Odemira)

NO ALENTEJO



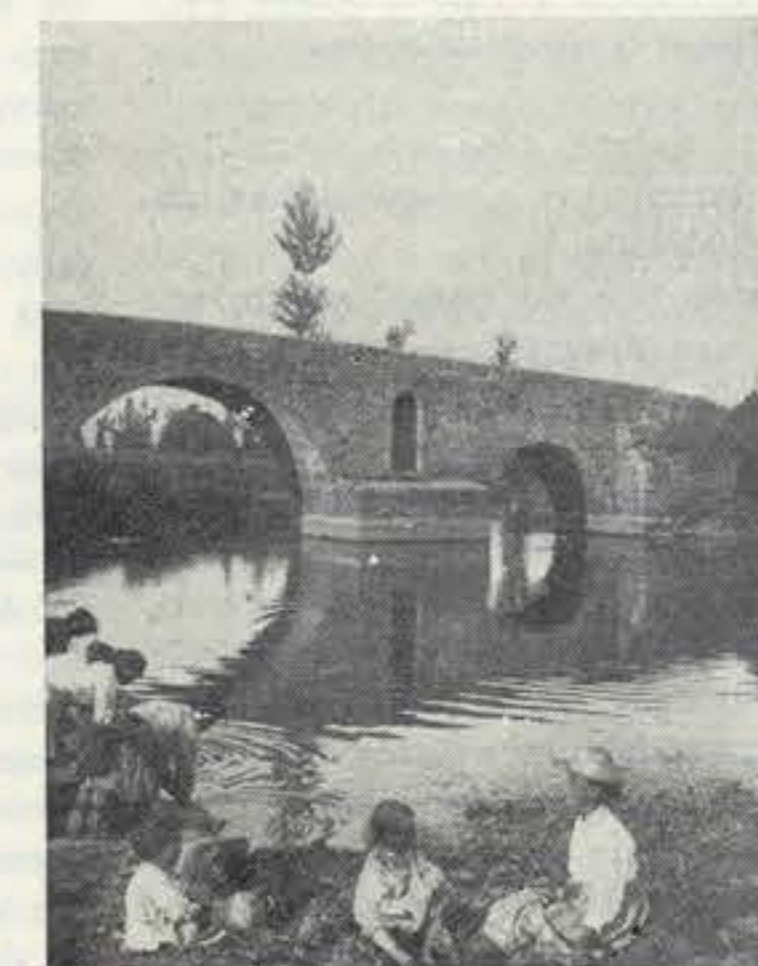
Ponte sobre o Tejo (Gavião)



Ponte proximo a Ferreira do Alentejo



Ponte perto de Saboia



Ponte romana, em Monforte

Manuel Guerreiro Faustino

Meu caro director:

Fomos há dias visitar o nosso bom amigo sr. Manuel Guerreiro Faustino, importante lavrador do Monte Novo do Ameixial, freguesia de Panoias, uma individualidade de muito prestígio que á agricultura tem dado o melhor do seu esforço, o melhor da sua vida.

Este nosso amigo, que é um homem honestíssimo, um cidadão prestante, é dotado dum coração magnânimo, duma alma generosa aberta a todos os sofrimentos, porque sabe sentir todas as dores e compreender tôda a vida.

É proprietário de belas propriedades agrícolas, que ele cultiva com verdadeiro amor e carinho, salpicadas de muitas árvores frutíferas e uma vinha que dá um vinho divino como nós tivemos ocasião de saborear... Possui também



Manuel Guerreiro Faustino

uma bonita quinta, com um magnífico pomar de laranjeiras e tangerineiras, de superior qualidade.

Os pobres têm no nosso amigo, sr. Faustino, um desvelado protector. Na noite que ali estivemos disse-nos êle: «O meu amigo não calcula os pobres que todas as noites aqui vêm pernoitar. Uma média de 10 a 20 por noite, que tenho de agasalhar e de lhe mandar dar a respectiva ceia, o que representa, como vê, uma contribuição, e não pequena, na roda do ano, que nós, lavradores, temos de pagar. Pena é que também sejamos obrigados a sustentar uma cáfila de vagabundos, maltrapilhos, rapazes possantes, cheios de vida, que constantemente por aqui vagueiam, assaltando transeuntes, roubando montes, praticando actos imorais como últimamente tem sucedido, que é um nunca acabar de roubos

que êles têm cometido, cujos roubos têm ficado sempre impunes.

O Alentejo, infelizmente, meu amigo, está eivado destes malfeteiros que a Guarda Republicana devia perseguir com mais intensidade, libertando-nos deste flagelo que é um martírio para os lavradores, que vêem neles bandidos de pior espécie, capazes de praticarem todos os crimes e atrocidades possíveis, caso não lhes satisfaçam as suas imperiosas exigências! Os pobres, os verdadeiros pobres, estamos sempre prontos a socorrê-los, na medida das nossas forças, prestando-lhe todo o auxílio de que careçam. Os ciganos, meu amigo, também é uma *tribú* que percorre o Alentejo de lés a lés, que muito nos incomoda, porque nada produzem e só vivem da esmola, do roubo e do engano. Sustentar tal gente fere a nossa sensibilidade de homem de bem, quando nós temos tantas casas de caridade por êsse Alentejo fora que precisam do nosso auxílio».

Realmente, sr. director, era de justiça que o governo se interessasse por esta causa, criando colónias agrícolas, onde obrigasse a trabalhar, debaixo duma certa vigilância, tão vil escória da sociedade, porque só assim os lavradores se veriam livres de gente tão repugnante, que os incomoda constantemente.

Estamos convencidos que a «Vida Alentejana», que tanto se interessa pelo bom nome e engrandecimento da nossa querida e rica província, o Alentejo, e que deseja o bem-estar de todos os seus habitantes, em artigo especial, chamará a atenção dos poderes constituídos para tão momentoso assunto e de capital importância, a nosso ver. Assim o esperamos, do seu ilustre director, que é um verdadeiro alentejano e um grande português.

O nosso amigo, sr. Manuel Faustino, também tem 2 filhos que nos receberam com a maior gentileza, o que bastante nos sensibilizou. Um, a sr.^a D. Maria da Assunção Faustino, menina muito prendada e bondosa, dum porte distinto, dum formosíssimo talento e duma requintada sensibilidade. O outro, o sr. Manuel da Assunção Faustino, digno assinante da «Vida Alentejana», rapaz alegre, cheio de vivacidade, dum porte moral irrepreensível, contando por êste facto numerosos amigos nesta região que vêem nele um cidadão prestante, um rapaz digno da melhor sociedade, devido ao seu belo carácter, à bondade do seu coração, que a todos captiva.

Publicando hoje a fotografia do nosso querido amigo sr. Manuel Guerreiro Faustino, prestamos-lhe, como é

Cotações oficiais

Na sessão de sábado da Bôlsa de Mercadorias, foram apresentados á venda sem terem oferta, os seguintes gêneros: Centejo a \$83 o quilo; fava ratinha a 1\$05 e meã a 1\$10.

Efectuaram-se transações sobre: Azeite, extra, 100 kg. 681\$00; consumo, 670\$00.

Tenente Carpinteiro

No próximo número da *Vida Alentejana*, publicaremos o relato duma justa manifestação que se promoveu em Portalegre ao nosso prezado amigo Tenente Manoel Carpinteiro, illustre comandante da polícia.

Tenente Coronel Brito Pais

E' no próximo dia 6 que se efectua a trasladação para Colos do corpo do distoso aviador alentejano Tenente-coronel Brito Pais.

Acompanha o corpo até á sua derradeira morada, além de sua família, o sr. Coronel Cifka Duarte em nome da Aeronautica Militar.

Manifesto de azeite

De harmonia com a lei, os produtores fabricantes e armazenistas de azeite de oliveira são obrigados a declarar, até ás zero horas de 15 do corrente mês, as quantidades deste produto que tenham em seu poder.

São também obrigados a fazer este manifesto os comerciantes retalhistas que possuam naquela data mais de 500 litros de azeite.

As declarações serão feitas em duplicado e em impressos próprios da Direcção Geral da Secção Social Agraria, Divisão de Informação e Propaganda Agrícola, ou, na sua falta, em papel comum, mas obedecendo ao modelo impresso, e deverão ser entregues á autoridade local, que restituirá o duplicado como recibo.

de justiça, o nosso fervoroso culto, o preto de homenagem a que tem jús, e ao mesmo tempo agradecemos-lhe a forma amável e cativante com que sempre nos tem distinguido.

Fura Matos Novo. — Fevereiro de 1935.

FRANCISCO JOSÉ SOARES

Sacrificar a Lavoura

Seria uma grande anomalia, visto que todas as indústrias tiram mais proventos dos seus esforços

O problema do consumo do trigo farinhas e pão, tem de ser enfrentado com o cuidado de todos os outros que contem com os interesses e necessidades da Nação. Felizmente que se não trata dos de pior aspecto, pois são sempre mais difíceis de resolver aqueles em que superintende a deficiência, mas nem por isso deixa de preocupar os interessados, por o serem todos, consumidores produtores e legisladores, irmanados no desejo de chegar a uma modalidade que a todos satisfaça e a todos desanvie de preocupações. No memorável período da Grande Guerra, tornou-se preciso recorrer á farinhação de favas por não bastar o pão preciso á alimentação pública, e como poude ser o grave inconveniente remediou-se, a tempestade passou... No período da abundancia de centeio e milho, iniciou-se a campanha do milho nas arcas, remediando-se então pelo modo que foi possível, iniciando-se a lotação das farinhas daqueles cereais com a de trigo; o grave inconveniente remediou-se, a tempestade passou... Agora dá-se o inverso. Torna-se preciso remover as dificuldades da super-abundancia, menos difíceis de solucionar.

E' mister começar pelo barateamento e melhor confecção no fabrico do pão, para aumentar o consumo dêste; fazendo-o porém á custa da Lavoura, sacrificando esta ainda mais do que vem sendo, reduzindo o preço da tabela actual do trigo, seria um erro de visão e uma grave desconsideração pela laboriosa classe de beneméritos da sociedade, proporcionando-lhe atravez de todos os riscos e canceiras trabalho e pão. Seria uma anomalia, sacrificar a Lavoura, num período em que todas as outras classes produtoras veem tirando maiores proventos das suas indústrias, mercê da sua organização autorisada e protegida...

Aumentou o preço do arroz, porque a respectiva classe de produtores se organizou; aumentou o preço do bacalhau pelo mesmo motivo; os *trustes* encontrando o caminho liberto á ganancia, teem feito tábua rasa da economia pública lançando-se no campo da exploração desenfreada em que veem cavalgando os chapeleiros, os moageiros e os paideiros, seguindo-se-lhe na esteira

todos os industriais, porque o contágio se propaga, até já aos fabricantes de louças e de esmaltes!

Para onde caminhamos? Como sofrer tamanha investida aos miseráveis proventos das classes que teem ordenados e proventos fixos?

Se a Lavoura enveredasse por esse caminho e bem justificadamente o faria, atentas as suas dificuldades — que série de clamores se levantariam, tratando-se de um género de primeira necessidade, insubstituível. Mas porque essa classe se mantem nos seus principios de correcção e patriotismo, é justo persegui-la, é justo depauperá-la mais ainda do que vem sendo não lhe recebendo os trigos e deixando-lhos apodrecer nos respectivos celeiros, e concedendo-lhe em troca de juro por conta-gotas, adiantamentos que são um calvario por virem eivados de descontos e encargos, que os reduzem a verdadeiras migalhas?

Para a intensificação do consumo do pão e consequentemente do trigo, todos os alvités são de atender não sendo o de menor valia qualquer entendimento com o Ministério da Guerra, para nos limites do possível se aumentar o consumo de pão no Exército.

Tem como é sabido, cada praça no exército a sua verba de despeza autorizada para alimentação, e nessas bases se lhe fornece determinada quantidade de pão diariamente. Temos em efectivo serviço trinta mil homens, se a cada um deles se aumentasse o fornecimento de duzentas grammas de pão, o consumo público passaria a ser diariamente de mais 6.000 quilos de farinha, o que somado nos meses até á nova colheita, reduziria o calculado excesso de trigo a um terço!

Adoptando-se a medida preconizada, era ao mesmo tempo uma medida de *boicoutage* aos artigos encarecidos sem motivo justificativo, das massas, arroz, bacalhau, carnes, finalmente todos os géneros comestíveis. O nosso soldado em regra, filho de gente humilde, está habituado a manter-se de pão e receberia com agrado, maior fornecimento dêsse comestível, que lhe permitiria ter á noite com que confortar-se, pois tem de fazer reservas para esse efeito, porque só recebe pão ao almoço para todo o dia.

E se com qualquer sacrificio do

Estado, ou estudo do Ministério da Guerra, fôsse fácil fazer-lhe esse aumento de pão sem agravar o orçamento,, quanto seria para estimar e agradecer, nesta época em que a todos se procura distender a protecção e proporcionar assistência, como ela se iniciou ás classes rurais com a instalação das Casas do Povo.

Pode o Exército orgulhar-se de ter por Chefe um militar que não hesitou perante os maiores perigos, para proporcionar á Pátria o socego que disfruta, livrando-a da anarquia perniciosissima de que se abeirava.

Se Sua Excelência abraçar a ideia, tanto mais por ser natural e residente numa Praça de Guerra e região cerealifera — Elvas, sem dúvida das mais prestimosas do paiz — e por isso conhecedor do seu labor e necessidades, certo teremos nós lavradores a cooperar connosco um dos elementos de maior valia para a causa que se debate e fará defesa dos nosos legitimis interesses, tão carecida de pessoas com dedicação e valimento...

Todos os orçamentos obedecem a estudo e a principios de economia, se sem o succeder se vem confeccionando a alimentação dos soldados, suportando os aumentos nos artigos a adquirir, constituiria um acto de boa administração dar preferêcia no consumo aos géneros não encarecidos sob qualquer pretexto. Ora como o pão é fabricado de farinha de trigo e este não tem aumentado de preço, antes tem deminuido, e porque o fabrico e a farinha estão dependentes do grande organismo — a Manutenção Militar — que tem uma independência e função vastíssima, quem pode fazer-lhe competência, ou supor que de per si, esse grande Estabelecimento do Estado, não tenha possibilidade de aumentar o consumo do produto que lhe fica mais barato, deminuindo gradualmente de todos os outros em utilização?

Que o problema é extremamente grave ninguém o duvida; por isso mesmo convem integrar o Governo na necessidade de o resolver com a prometida equidade, de modo a não agravar mais a deplorável situação da Lavoura; mas com a precisa energia para que a Grande Moagem e Pa-

(Continua na página seguinte)

A ROSEIRA

Sua origem e sua importância «ética e étnica»

Pelo Professor S. Decker

XV

A sua enumeração poderia seguir a classificação já exposta. Preferimos, entretanto, enumerá-las segundo o grupo colorístico a que pertencem, o que certamente permitirá mais fácil e rápida orientação. As letras atrás dos nomes indicam o grupo a que pertencem.

F — Rosa chá (ou «Rosa indica odorantíssima»).

H C — Rosa hybrida de chá (Rosa odorata forma hybrida).

R — Rosa a remontante (hybrido de floração perpétua).

N — Rosa noisettiana X borbónica.

R O — Rosa Bengal (Rosa chinensis semperflorens).

P — Rosa pernetiana (Rosa lutea hybrida).

P O — Rosa polyantha (Rosa hybrida polyantha hort.).

M — Rosas trepadeiras multifloras.

B — Rosa de Banks (Rosa banksiae).

Não só a beleza de determinada rosa ou o gosto pessoal nos devem guiar na nossa selecção. São antes as qualidades intrínsecas que devem dizer a última palavra. A resistência de cada variedade ás moléstias cryptogamicas, ás condições do solo e do clima são da máxima importância. Deve-se prestar também muita atenção neste particular à folhagem, devendo ser preferidas as variedades de fôlhas firmes, lisas e coriáceas. De capital importância é também a tendência da roseira de produzir durante o ano inteiro, tanto mais que o nosso clima benigno é absolutamente favorável a uma floração quasi perene.

Uma roseira desprovida de flores é uma coisa contristadora. Eis a razão porque devemos preferir a plantação de roseiras com fuste alto, que permita cobrir a superfície livre com tantas outras plantas altamente floríferas, com as quais se obtem um lindo fundo florido, nas épocas em que as roseiras mais floríferas interrompem a produção. Os «goivos baixos», as «bocas de leão», os «amores-perfeitos», as «tagetas» e «calendulas» ou «malme-

queres», as «rainhas-margaridas», as «cravinas», os «cravos» os «sedums», e as «assembleias» e, por último, as «begonias» sempre floridas são plantas muito próprias para este fim.

Temos os «ageratuns» e os «tinhorões» os «coleus» e as «açucenas», as lindas e soberbas «amarylis» ou «Hippeastruns», temos as «verbenas» e um número sem fim de plantas brasileiras. E' bastante plantá-las para termos um roseiral de plena floração.

As variedades de roseiras cujas flores se abrem com tanta dificuldade que apodrecem por ocasião das chuvas prolongadas devem ser rejeitadas. E' necessário desprezar também aquelas de tão pouca resistência que se queimam sob os raios ardentes do sol ou secam logo, quando sobrevem um curto periodo de seca. Temos que renunciar ás rosas não dobradas, por serem de curta duração. Elas abrem de manhã para se desfolharem á tarde!

As flores devem compor-se de tantas pétalas que deem a impressão de cheio. A forma deve obedecer ás leis da boa proporção e o aspecto deve ser de nobreza, graça e candura! Os pedunculos devem ser rijos, fortes e compridos, mantendo a flor em posição erecta. A fraqueza do pedunculo dificulta ou mesmo impede a contemplação das rosas de frente. E' por isso que a altura do fuste ou do tronco da roseira nunca deve exceder de um metro ou pouco mais, permitindo-nos poder contemplar as rosas bem de cima.

O colorido deverá harmonizar-se com a beleza real da roseira. Devemos preferir as variedades de cores puras, claramente definidas e rejeitar as combinações ousadas e mesmo impuras.

O brilho de veludo e o aspecto sedoso são qualidades preciosas das rosas. A resistência das cores aos raios abrazados do sol — que queimam ou empalidecem as pétalas ou tornam o vermelho matisado de azul, altamente desagradável — é outra qualidade absolutamente imprescindível a uma rosa de valor.

Sacrificar a Lavoura

(Continuação da página 7)

nificação, se afastem do seu conluio, fornecendo pão a 1\$50, 1\$60 1\$70, como o vinham fazendo antes da sua famosa organização, em que se decidiram a explorar a humanidade aumentando impiedosamente, sem motivo justificado, «vinte centavos» em quilo!

Todos os agravos teem limites, á Lavoura Portuguesa. não é justo que se façam maiores, porque ela os não originou nem os merece.

4-3-935.

JOSÉ MENDES

(Lavrador em Elvas)

Do nosso presado assinante de Santa Eulália, sr. José de Sousa recebemos uma carta de saudação ao velho lavrador elvense sr. José Mendes, o único que, denodadamente está pugnando pelos interesses da Lavoura além do distinto engenheiro agrónomo sr. dr. J. Mira Galvão, de Beja.

Também outros lavradores se têm dirigido, uns ao próprio sr. José Mendes, outros a esta redacção, trazendo-nos as suas saudações.

Já houve quem afirmasse que a Lavoura deveria cotizar-se para publicar em separata essa série de artigos sensacionais, onde se tem focado o problema do trigo em todos os seus aspectos.

A iniciativa aqui fica, e *Vida Alentejana*, para pôr em prática essa iniciativa, subscreve com a quantia de 50 escudos.

O tempo

O conhecido meteorologista C. Pombo faz a seguinte previsão do tempo para o mês de Março:

De 1 a 5.....	Variável
De 6 a 10.....	Bom tempo
De 11 a 19.....	Muito bom tempo
De 20 a 31.....	Tempo chuvoso

Agora, outra particularidade. Que valerá o mais sublime colorido, quando a flor é destituída de perfume? Faltaria á rosa a sua própria alma, faltaria tudo.

As rosas da antiguidade, tão glorificadas pelos poetas de então, eram de bem modesta aparência, mas captivavam todos os corações pelo perfume que lhes era peculiar e pela abundancia com que produziam.

VEEDOL

EXPERIMENTE

ESTES

DIFERENTES

OLEOS

100 %

PENNSYLVANIA

LUBRIFICANTES

Distribuidores exclusivos em Portugal:

VEROIL

COMPANHIA IMPORTADORA DE OLEOS

LISBOA—Avenida 24 de Julho, 94—Telef. 2 8023/4

AGENTES E REVENDEDORES EM TODO O PAIZ